

# Corpos-trabalhadores: Cartografias do Consumo e da Subjetividade Contemporânea

## Working bodies: Cartographies of Contemporary Consumption and Subjectivity

Viviane Giusti Balestrin<sup>1</sup>  
Marlene Neves Strey<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho constitui uma reflexão sobre os modos de trabalhar e de consumir no contemporâneo, devido à importância que assumem na produção da subjetividade contemporânea e na inclusão dentro do sistema social mais amplo, a partir de histórias de trabalhadores/as do comércio. Os mapeamentos são discutidos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que percebe a realidade como uma construção complexa, uma rede de conexões infinitas entre corpos, sujeitos, artefatos e social. Ao fim, pequenas práticas do cotidiano fazem com que sejam produzidas determinadas verdades sociais e matizes de gênero, conforme as condições e as possibilidades de uma época. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses sujeitos, além da troca de afetos e um território aberto a conexões e devires, fazem pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

**Palavras-Chave:** Corpo. Consumo. Trabalho. Subjetividade.

### ABSTRACT

This paper constitutes a reflection on the ways to work and to consumption in the contemporary, due to importance that inside assume in the production of the subjectivity contemporary and in the inclusion of ampler the social system, from histories of workers of the commerce. The mappings are argued from a post-structuralist perspective that it perceives the reality as a complex construction, a net of infinite connections between bodies, subject, devices and social. Thus, we intend to understand how are constructed social reality versions about the consumption, the work and the subjectivity. To the end, small daily practices make that social truths and gender representation be produced according to historical conditions. The produced meeting and the movements traced by these subjects, beyond affection sharing and an open territory to connections and becoming, made us think that the modes of work in the commerce have become a powerful device of subjectification.

**Keywords:** Body. Consumption. Work. Subjectivity.

\*Este artigo é parte da Dissertação de Mestrado em Psicologia Social na PUCRS, com “Estágio-Sanduiche” na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Tem o apoio do Programa Capes e do Programa Alban.

<sup>1</sup>Psicóloga; Mestre em Psicologia Social; MBA Gestão em Saúde. Professora da UNIFIN e Supervisora da UniAMRIGS. E-mail: vivianealestrin@terra.com.br.

<sup>2</sup>Orientadora da Dissertação; Professora Titular do Departamento de Psicologia (PUCRS); Pós-Doutorado em Psicologia na Universidade de Barcelona (UB). E-mail: streymn@pucrs.br.

## APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS: AS MARCAS DO INÍCIO

*A explosão do consumo no mundo atual faz mais barulho do que todas as guerras e mais algazarra do que todos os carnavais.*

(GALEANO, 2007, p.1).

Este estudo é fruto de um percurso de vida que une passagens pelo campo do trabalho, do consumo e da subjetividade, atravessadas pela Psicologia Social. Vários foram os motores que nos fizeram realizar essa pesquisa, entre eles, destacamos o interesse pelos modos de trabalhar e consumir no contemporâneo.

As instituições voltadas ao comércio possuem uma forma de organização que busca maximizar e potencializar o consumo frente ao mercado e têm como indicadores de eficácia o lucro. Nesse cenário, pouco se vê como prioridade à potencialização das vidas dos sujeitos que ali trabalham. O mercado de bens e serviços, o atendimento ao cliente para fidelizar as vendas e a redução de custos e das perdas apresentam-se como principais referenciais de preocupação e, conseqüentemente, de sucesso. Visualizar os/as trabalhadores/as como redes de apoio, revertendo suas condições de trabalho extremas e abusivas, não é a principal meta dessas empresas voltadas ao comércio. O lema é vender e lucrar sempre mais e melhor.

A intenção da pesquisa é cartografar os discursos cotidianos acerca do consumo e do trabalho, devido à importância que assumem na produção da subjetividade contemporânea e na inclusão dentro do sistema social mais amplo, a partir de histórias de trabalhadores/as do comércio<sup>3</sup>. O consumo, neste artigo, é entendido através da noção de agenciamento, de Deleuze e Guattari (1988), e os trabalhadores/as são um dos elementos que compõem esta multiplicidade. Um agenciamento põe em jogo múltiplos fatores e é sempre um coletivo marcado por aspectos materiais, sociais e semióticos. Os/As vendedores/as fazem com que o consumo se materialize, dito de outra forma, não é um simples corpo que está ali pronto para vender e ajudar o/a consumidor/a a provar uma peça de roupa, mas, sim, é um corpo que possibilita o acionamento do dispositivo consumo e emoção. Além do conceito de agenciamento, utilizamos o conceito de poder (FOUCAULT, 2002; DELEUZE, 1992), destacando os atravessamentos da sociedade disciplinar à sociedade de controle, para analisar as instituições e os relacionamentos produzidos neste processo.

Deixamos claro que a relação entre trabalho, consumo e subjetividade não é tratada, neste artigo, de forma individual e centrada nos sujeitos. Buscamos compreender como são construídas noções de nossa realidade social, deixando aflorar os discursos socialmente disponíveis para dar sentido às experiências das pessoas, suas relações, sua vida. Os mapeamentos são discutidos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que se define pelas infinitas potencialidades exploratórias de bases de investigação e que percebe a realidade como uma construção complexa, uma rede de conexões infinita entre corpos, sujeitos, artefatos e social. A partir da análise das entrevistas realizadas, chegamos a cinco grandes vetores, com os quais trabalharemos no decorrer deste artigo.

1. Primeiramente, discutiremos a questão do *Tempo Livre, Tempo Prisoneiro* e as possibilidade de traçar um itinerário que nos leve à reflexão sobre o poder e, mais concretamente, a uma reflexão sobre o corpo como material de inscrição privilegiado das instituições.
2. Em segundo lugar, a *Precariedade no Mundo Contemporâneo: Atualizações das Parafernalias do Poder*. Nesta seção, anuncia-se a passagem das instituições disciplinares e de confinamento, estudadas por Foucault, para o aparecimento de novos dispositivos de controle. O poder passa a ser exercido de um modo muito mais sutil e imaterial: torna-se mais instantâneo, fluido e eficaz.
3. Em terceiro lugar, *Os Empregados do Consumo: Quem Consome Quem?* Nesta parte, abordamos a questão de que não é um simples corpo que está ali pronto para vender e ajudar o/a consumidor/a a provar uma peça de roupa, mas, sim, é um corpo que possibilita o acionamento do dispositivo consumo e emoção. O capitalismo tende a converter-se em um não-lugar, em realidade, ele está em todos os lugares.
4. Em quarto lugar, *Quais Modos de Ser Mulher e de Ser Homem Consumimos nos Dias de Hoje?* Uma das metas do comércio e da mídia é conseguir se comunicar com todos os tipos de públicos. O que presenciamos é uma profusão, no mercado da mídia e do consumo, de múltiplos gostos e formas.
5. E, finalmente, lançamos uma *Proposta de Criação de Outros Modos de Existência*. Na última seção, apresentamos uma reflexão crítica sobre os modos de consumir e de trabalhar no contemporâneo. Duvidar de como olhamos o mundo e duvidar das verdades cotidianas é o que nos falta.

<sup>3</sup> Para a realização desta pesquisa, realizamos entrevistas individuais com pessoas que trabalham no comércio e que faziam parte de diferentes instituições voltadas ao consumo: rede de varejo, alimentícia, hoteleira. O cotidiano passa a ser entendido como um discurso e, assim, constituído por diversos enunciados que perpassam e que se tramam. A análise das entrevistas realizadas foi fundamentada pelo nosso problema de pesquisa, baseado na pergunta: *como são cartografados os modos de subjetivação capitalístico que atravessam os discursos do cotidiano?*

## 1 TEMPO LIVRE, TEMPO PRISIONEIRO

O lugar do comércio é passível de ser definido como a concentração de múltiplos níveis do consumo, marcados na superfície dos corpos, nos olhares, nos gestos, no vestir, no falar e, também, no modo de trabalhar no cenário de vendas e serviços. As estratégias de produção de conhecimento foram seis entrevistas individuais com trabalhadores/as que atuam no comércio, em diferentes estabelecimentos, seguindo um roteiro com duas questões abertas e a apresentação de um material de estímulo, constituído através de uma história do cotidiano acerca do consumo, com imagens de produtos e marcas que consumimos.

Os sujeitos tinham entre 25 e 30 anos, sendo estes três homens e três mulheres, inseridos em diferentes ambientes do comércio e de vendas, com carga horária completa e tempo integral. Além disso, visto que a experiência profissional estava centrada num ambiente de comércio, com uma lógica varejista, foi utilizado diário de campo. Cabe salientar que a produção do diário de campo não ocorreu no mesmo ambiente onde os sujeitos da pesquisa atuavam, mas sim baseada na experiência profissional da pesquisadora, pois a intenção não era fazer um mapeamento de um lugar em específico, mas desenhar uma cartografia dos corpos-trabalhadores no contexto do capitalismo contemporâneo.

No livro *Vigiar e Punir*, escrito por Foucault (2002), aparece a possibilidade de traçarmos um itinerário que nos leve à reflexão sobre o poder e, mais concretamente, a uma reflexão sobre o corpo como material de inscrição privilegiado das instituições. A instituição apresenta-se como um dispositivo disciplinar e modelador dos corpos e este é o caminho para ter acesso à alma dos/das trabalhadores/as, ou seja, permite tomar o corpo e ter acesso a um conjunto de hábitos, rotinas, gestos. São estratégias para a produção de subjetividades.

Os sujeitos, com experiência no comércio, dedicam grande parte do seu tempo de vida relacionando-o ao tempo de trabalho, muitas vezes, abdicando da sua vida pessoal em prol da profissional: *“Abro mão de muitas coisas na minha vida pelo trabalho”*. Com o aparecimento das diversas disciplinas e seus estudos analíticos, o corpo passa a ser esquadrihado, analisado, articulado, moldado para se retirar o máximo de suas forças e habilidades, ou seja, o corpo ou qualquer materialidade é tomado como máquina, uma máquina para produção de capital.

Pode-se pensar, então, a sociedade disciplinar como que um dos cenários em que a sociedade capitalista impõe certas condições à subjetividade: *“Na minha vida pessoal eu não tenho muito tempo para nada, nem para consumir. Eu só vendo e trabalho”*. As relações ficam resumidas ao próprio ambiente profissional: *“As pessoas aqui dentro acabam se relacionando somente com elas mesmas, quando vê, é o fulano que namora a atendente e assim vai. As pessoas*

*acabam não tendo muito tempo para viver a vida fora daqui”*.

E como opera a disciplina? A disciplina é a arte do corpo e começa operando distribuindo os sujeitos no espaço da clausura, localizando-o no lugar devido. O efeito desta distribuição consiste em ordenar a multiplicidade confusa, reduzindo o heterogêneo. Dessa maneira, todo mundo pode medir-se e identificar-se a si mesmo dentro de um grupo. Logo após, gestiona a atividade dos indivíduos, preocupando-se com o emprego do tempo. Tanto o vendedor quanto o gerente sabem o que têm que fazer em cada momento. Tudo isso para trazer eficiência e rapidez nas tarefas e nos produtos para serem postos à venda: *“Assim como na vida pessoal, na hora de vender um produto ou fazer uma visita num cliente, é preciso moldar-se”*.

A isso impõem-se atividades constantes de aprimoramento e os/as trabalhadores/as recebem premiações por bons desempenhos ou “castigos” por desempenhos não tão satisfatórios: *“Eu fui promovida, mas, em troca, tinha responsabilidades maiores e mais problemas e estresse”*. A temporalidade é organizada globalmente, em que se gera um tempo voltado a uma meta e a um futuro. Um tempo comum para todos e um tempo exclusivo, que permite definir homogeneamente o movimento da multiplicidade e os movimentos individuais (DOMÈNECH; TIRADO, 2006).

Disciplinar passa a estar ligado ao aumento de rendimento, a uma composição de forças, a uma extração da força útil dos corpos. Atuação dentro do campo econômico, sobre as forças produtivas e as relações de produção. Distribuir, serializar, compor, normalizar. O poder, então, passa a produzir verdades e realidades (DELEUZE, 1987). Com isso, verifica-se um crescente investimento na produção de subjetividade como objeto de acumulação e de produção, bem como uma crescente importância da participação dos aspectos subjetivos do trabalhador no seio da cadeia produtiva.

As empresas deslocam-se com vistas a acompanhar a velocidade de mudança imposta pelo mercado. A rotina de trabalho é baseada na idéia de produtividade e rendimento, com horários ajustados para começar a trabalhar e horários flexíveis para sair: *“A filosofia é sempre sorrir, atender bem o cliente e produtividade. Trabalho por metas, sempre cada dia, um novo dia”*.

Por fim, compõe forças em totalidade, ou seja, para a empresa, é importante que cada trabalhador/a tenha consciência de que faz parte de uma peça importante de um aparelho maior. Com isso, se o aparelho maior o exige, o corpo singular é um elemento que se pode mover, colocar, articular, sacrificar, caso seja preciso (DOMÈNECH; TIRADO, 2006): *“Confesso que às vezes me sinto num grande teatro, onde tenho que representar os valores ali da empresa, mas que na minha vida pessoal eu não acredito que sejam assim”*.

A disciplina não é um aparelho, nem uma instituição: ela funciona como uma rede que os

atravessa sem se limitar a suas fronteiras (FOUCAULT, 2002). A disciplina supõe uma inspeção hierárquica e implica o estabelecimento de sanções normalizadoras com que se pune quem não se ajusta à regra, buscando corrigir o desvio. A correção pode ocorrer na forma de demissões, descontos na folha de pagamento, horários reduzidos de almoço e extensos no tempo de trabalho e etc. “Esta economia de forças permite que nosso corpo se converta em um caso singular, mas, ao mesmo tempo, idêntico aos demais” (DOMÈNECH; TIRADO, 2006, p. 8): “*É muito complicado ter de atender as expectativas dos clientes e as expectativas da loja, da empresa. O quadro está sempre girando, eles estão sempre demitindo. Porque como não tem uma estrutura boa, as pessoas param de render e eles chamam pessoas novas pra render mais. Porque eu acho que sai mais barato fazer isso do que investir no futuro, com mais efetivos*”.

A partir do momento em que se abandona o poder de soberania para se proporcionar um poder disciplinário, traz à tona a questão do biopoder e da biopolítica das populações, bem como da responsabilidade e da gestão da vida. Desta forma, a própria vida surge como novo objeto de poder. “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se faz apenas através da consciência ou da ideologia, mas também no corpo e com o corpo. Para a sociedade capitalista, é a biopolítica que mais conta, isto é, o trabalho de produção e manipulação de afetos” (NOVAES, 2003, p. 11).

Cada trabalhador/a, com sua particular linguagem, seu particular modo de ser, de estar, de pensar, passa a ser sujeito de instituições específicas, colocando-se a serviço da mesma lógica produtiva e de consumo: “*Se a empresa crescer, nós cresceremos junto com ela*”. Assim, não somente as questões da dimensão do trabalho assumem uma compreensão das relações políticas em sociedade, como também o regime biopolítico, em que as tecnologias geradoras das fronteiras da vida humana e da qualidade biológica das pessoas assumem um papel crucial na dinâmica da vida política (MAIA, 2003).

O controle “interiorizou-se” na alma dos trabalhadores e passou a reger a vida na própria produção desejante. Os valores estão faturados na pele de cada trabalhador/a: “*Claro que a gente se estressa, eu já fui parar três vezes no hospital de cansaço, dor de estômago, doente mesmo. E eu sempre digo, quem trabalha no comércio uma vez na vida, trabalha em qualquer outro lugar*”.

Muitas vezes, esse conjunto de práticas acarreta uma perda da autonomia e das decisões no ambiente de trabalho. As atividades desenvolvidas têm horários e regras impostas e ajustadas de acordo com a necessidade da instituição: “*Atuo na atividade gerencial, gerencio produtos, preços, margem, custo. Desempenho múltiplas funções no mesmo espaço tempo*”. Atender ao máximo de pessoas em curto período de tempo, pois são cobrados pela

produtividade e pelo resultado. Uma rotina dura, cansativa e, muitas vezes, contraditória aos valores pessoais, visto que, na vida, os maiores valores são a família e os/as amigos/as.

Uma pessoa vale pelo que ela é, não pelo o que ela tem, mas, quando ocorre a venda, surge o paradoxo: “*É como se eu estivesse me prostituindo pelo capitalismo, passando 340 dias no inferno e 25 dias no paraíso, no descanso das férias*”. Outra contradição que ocorre é que o trabalho é voltado para a produtividade, porém, quanto mais trabalham, mais cansaços físicos apresentam e menos rendimentos possuem no ambiente profissional. Além do que quadros sintomáticos de enfermidades são muito frequentes, não só para refletir uma situação realmente de doença, como também de subversão às regras e à norma imposta pelo regime de trabalho em tempo integral e completo: “*Eu era uma pessoa calma e hoje em dia fico nervosa por qualquer coisa. Chegava para trabalhar pensando: será que hoje vai acontecer algum problema?*”.

Os sujeitos são dispostos em espaços fixos e monitorados por tempos determinados, em que se é analisado o modo de trabalhar de cada um e do grupo, para uma otimização dos resultados. O sujeito é guiado pelo olhar de sujeito-objetivado e praticamente não há esforços para potencializar a equipe de trabalho como um coletivo. A idéia de coletivo é lançada apenas para mapear que a atividade de um depende do outro para o produto final. Cooperação colocada em serviço a empresa e da produção.

Produzir passa a estar inserido na sociedade do mercado humano. Quem habita aquele ambiente parece estar vivendo nos tempos modernos das fábricas, com sua linha automatizada de produção. Por exemplo, como cita um dos sujeitos: “*Tenho que receber caminhão de mercadorias, organizar o depósito, abastecer a loja, trocar o encarte de ofertas, mudar os preços, ligar as máquinas, e isso acontece todos os dias!*”. Um trabalho, aparentemente, repetitivo e cansativo. Modelo da fábrica taylorista/fordista, imperativo da Revolução Industrial, e que ainda rege certas formas de trabalhar na atualidade. Como coloca Galeano (2007, p.1): “*Invisível violência do mercado: a diversidade é inimiga da rentabilidade, e a uniformidade é quem manda. A produção em série, em escala gigantesca, impõe em todas as partes suas pautas obrigatórias de consumo*”.

As distribuições de tarefas diferenciam-se pelas peculiaridades construídas no cotidiano. A vida passa a ter os direitos e os deveres vinculados às estratégias disciplinares, próprias de uma instituição total, operadas no controle sobre a vida, tudo em prol de um corpo-máquina, ou seja, de um sistema produtivo: “*Tive duas fases: uma de atendimento ao público e outra fase mais operacional. As pessoas consomem não só o produto, mas a maneira como se vestem, nas roupas, nos sapatos, as compras em um determinado shopping*”.

O objetivo principal dessa tecnologia disciplinar,

como escreve Silva (2001, p. 33), “é criar um indivíduo apto a ser manipulado como um corpo dócil, partindo de dois vetores de atualização: um espacial e outro temporal”. O espacial diz respeito a espaços fechados, confinados e separados em si; já o temporal refere-se a uma lógica de tempo cadenciado, consumindo toda a forma criativa do tempo. Além da hierarquia e da padronização, os/as trabalhadores/as não dispõem dos meios de produção, sendo sua propriedade a força de trabalho.

## 2 PRECARIÉDADE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: ATUALIZAÇÕES DAS PARAFERNÁLIAS DO PODER

Vivemos num mundo com fronteiras extremamente tênues, difusas, sem certezas e sem garantias de nada. Não temos mais metanarrativas que amparem nosso modo de estar e ser no mundo. A prioridade, neste momento da vida, é se solidificar e se dedicar à carreira profissional, em contrapartida, com as incertezas e a precariedade no mundo contemporâneo: *“Tenho que passar por tudo isso, com todo mundo é assim. Estou em um momento de me firmar no trabalho, almejo promoções e novos cargos. Se eu não fizer isso com a minha idade, farei quando?”*.

Os/As trabalhadores/as também são conectados por outros encontros que não somente o trabalho, mas que são propiciados pelo convívio no local de trabalho. Muitas vezes, devido ao excesso de carga horária, pouco tempo resta para cultivar os laços sociais e familiares. Inclusive, com todos os sujeitos da pesquisa, houve uma dificuldade em conseguir uma brecha na carga horária de trabalho, pois não havia tempo para outras atividades além da empresa. Desta maneira, o tempo de trabalho passa a ser visto como o tempo da vida: *“Na segunda-feira, já estou cansado, às vezes os horários se estendem e os compromissos sociais ficam de lado. O lado pessoal paga o preço pelo grande volume de trabalho”*.

Dessa maneira, os instrumentos forjados por Foucault para analisar os problemas da vida política social foram atualizados por Deleuze. A partir da presença cada vez mais evidente do campo do virtual em nosso cotidiano, Deleuze (1992) aponta uma nova axiomática do social. Anuncia a passagem das instituições disciplinares e de confinamento estudadas por Foucault (a escola, a fábrica, o presídio, o hospital, o exército) para o aparecimento de novos dispositivos de controle. O poder passa a ser exercido de um modo muito mais sutil e imaterial: torna-se mais instantâneo, fluido e eficaz. Não se trata de uma transição, no sentido de sair de uma situação para outra, mas sim uma sobreposição, como se fosse um outro estrato nessa superfície. Como colocam Nardi e Silva (2005, p.100), “não se trata de uma descontinuidade entre essas duas “figuras de poder” - as sociedades disciplinares e de controle, respectivamente, mas de um aumento da eficácia do próprio dispositivo de dominação”. Sendo assim, não cabe mais diferenciar sociedade disciplinar de sociedade de controle, mas

sim evidenciar os campos de força envolvidos nessa relação, discutindo, a partir do sujeito, as questões de poder.

Mas, afinal, o que se entende com o conceito de poder? O poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder. Assim, “o poder não é essencialmente repressivo, visto que incita, suscita, produz; passa pelos dominados como pelos dominantes; se exerce mais do que se possui”. E o exercício de poder aparece como um afeto, visto que a própria força se define pelo poder de afetar e de ser afetada (DELEUZE, 1987, p. 100). O poder não é exclusivo da coerção; o poder cria, produz. A norma não é somente restrição, ela também é produtora.

“O poder não pode ser entendido como uma força superior que subjugaria a todos. Ele deve ser entendido a partir de seu caráter relacional. O poder é a força que constitui todos os sujeitos e que está presente em toda a sociedade” (NARDI; SILVA, 2005, p.102). Se o poder está em todo lugar, a possibilidade de resistência também se faz presente, pois as relações de poder só se exercem entre os sujeitos livres: *“No final de cada reunião, descemos até a loja e gritamos em coro: “viva lojas x, vivaaa” e exijo que eles façam isso. Tem umas pessoas que tu vê que se rebelam, mas serve para integrar e motivar a equipe”*.

Se as técnicas disciplinares operavam em um sistema fechado, estes outros dispositivos efetuam-se em meio aberto, apoiando-se na tecnologia para produzir formas instantâneas, versáteis e incessantes de controle. A sociedade de controle é a roupagem do capitalismo mundial integrado, e uma vertente na produção de desigualdades.

Com a aceleração científica e tecnológica, nossa capacidade de ação aumentou em uma esfera global sem precedentes, ocorrendo uma expansão da dimensão espacial-temporal dos nossos atos: *“A única coisa que me deixa abalado é meu estado físico. Mas, na minha vida pessoal, tudo o que eu puder deixar em segundo plano, vou deixar. Trabalharei sempre que eu puder e não tiver cansado ou doente”*. Com a revolução tecnológica e cibernética, desenvolve-se uma globalização não só onde todas as pessoas podem entrar em contato e se comunicar com outros, não importando as distâncias geográficas, mas também a criação de um megamercado, uma circulação do sistema capital em espaço e tempo. Deleuze (1992) afirma que, se, na sociedade disciplinar, tínhamos a imagem da toupeira que escavava suas tocas, seus buracos, passamos agora para a imagem da serpente que desliza, contorce e retorce a partir de suas discretas interligações entre seus anéis.

“Na modernidade, a disciplina tinha necessidade de dois meios - o dentro e o fora - para exercer seu poder. Nas sociedades de controle, o dentro e o fora não mais existem, é o fim de toda exterioridade: nós estamos sempre dentro” (NARDI; SILVA, 2005, p. 99). Isso explica por que as principais estratégias das sociedades de controle se produzem sob a forma do

exercício de um biopoder que se situa em um modelo particular de relação consigo. Esse modelo caracteriza-se por um processo de privatização da subjetividade que invisibiliza as linhas de força sociais.

Os padrões, na fábrica, podiam vigiar cada um dos elementos que formavam a classe dos trabalhadores; a empresa, em contrapartida, institui entre os indivíduos uma rivalidade interminável em modos de competitividade. O princípio de que os salários devem ser correspondentes aos méritos e à produtividade de cada trabalhador/a faz com que aumente a competitividade entre os colegas de trabalho, dificultando a formação de coletividades e redes de solidariedade: *“Tudo na vida tem relação financeira, temos que mostrar que podemos consumir, mostrar que podemos conviver numa sociedade competitiva, onde as pessoas competem não só pelo profissional, mas pelo pessoal, esportivo, e também pelo o que o consumo representa”*.

Muitos empregados/as trabalham para pagar o que consomem: *“O teu consumismo faz com que tu parcele pra outros meses aquilo que teu salário naquele mês não consegue comportar. Trabalho para pagar as faturas de meu cartão de crédito que, às vezes, vão vencer só no Natal do próximo ano”*. É um consumo não só de produtos, mas de formas de vida. A complexidade está em que não somente consumimos objetos, mas tornamos objetos tudo aquilo que consumimos: a nós mesmos e a todos os outros com quem nos relacionamos.

O/A trabalhador/a é, também, um sujeito social que está em condições de compartilhar os bens comuns, não-comerciais, disponíveis na sociedade: *“Eu tinha muitas colegas que só trabalhavam para pagar a fatura. Como tínhamos bons descontos por sermos funcionários, eu também já excedi algumas vezes minha cota do salário”*.

Há um controle aberto e contínuo, além do que a própria disciplina é uma modalidade de controle. A diferença está na sentença “aberto e contínuo”, pois se refere a uma situação de estado “livre”, procedimentos flexíveis de controle, variáveis, surpreendentes. Diferentes micro-exercícios de poder, uma anatomia da vigilância assentada no movimento, na flexibilidade, transcende as barreiras físicas e não requer visibilidade. Por exemplo, nos locais de trabalho, o uso do celular é restrito, seu uso é liberado apenas nos intervalos ou em dias de folga em que o/a trabalhador/a encontra-se em casa. Desta forma, eles/as podem ser encontrados/as a qualquer momento e a qualquer lugar, caso seja necessária a sua presença na empresa: *“Se estão me chamando e estou no intervalo, me dá uma aflição e saio correndo para ajudar e atender para não trancar a fila de clientes”*.

A empresa passa a ser vista como um estabelecimento aberto, conectada de diferentes maneiras com o exterior, como um dispositivo que não somente inscreve corpos, como também opera com outros materiais. Foucault (2002) nos mostrou que a

disciplina é, basicamente, a arte do corpo. Agora, ao contrário, o corpo perde significação e qualquer dispositivo de vigilância opera por controle. O controle concerne ao movimento, se exige participação, uma conexão constante, um regime de máxima sociabilidade. No controle, nunca há um ponto final ou de chegada, sempre parte de um ponto médio e não existe algo concreto que guie seu exercício. Exerce-se sempre em curto prazo, é pontual, contínuo e ilimitado, importando o texto, em uma operação de interpretação, ou seja, matéria cifrada que se pode controlar codificando e decodificando (TIRADO; MORA, 2004).

A sociedade de controle não pretende criar sujeitos, somente modulá-los (DOMÈNECH; TIRADO, 2006). O horário de trabalho expandiu-se para outras esferas da vida, os horários de intervalo e de almoço ficam cada vez mais reduzidos, inclusive, encontrar um tempo para visitar a família, sair com os amigos, estabelecer relacionamentos interpessoais fica mais restrito e confinado ao trabalho: *“Eu trabalho de onze a doze horas por dia. Das 8h da manhã às 8h da noite. E o tempo inteiro trabalhando, eu almoço em quinze minutos e já trabalho de novo”*.

Deleuze (1992, p.246) afirma que “a capacidade de resistência ou, ao contrário, a submissão a um controle, decide-se no curso de cada tentativa. Precisamos ao mesmo tempo de criação e povoamento”. Além disso, os processos de subjetivação atuais não obedecem a princípios estritamente disciplinares e os novos operadores de poder se aproximam muito mais da lógica do risco do que das normas que caracterizavam o exercício de poder nas sociedades disciplinares. As estratégias de controle estão mais fluidas e sem um referencial identificado. O poder se disseminou, alastrou-se por todo o corpo social, mesmo que, muitas vezes, não se trate de trabalhadores/as e empresas flexíveis, mas do controle flexível: *“Nunca estou em casa, acabo vivendo tudo no meu lugar de trabalho. Até o consumo é feito nas lojas do bairro”*.

No regime da empresa, os diferentes modos de lidar com o dinheiro, de lidar com os produtos e de lidar com os sujeitos já não passam pelo regime disciplinar do confinamento das fábricas. O mercado se conquista quando se adquire o seu controle e não sua disciplina. O consumo, nessa lógica, assume um valor de troca, na medida em que ele próprio se reveste em moeda: *“Como em uma empresa tu utilizas o uniforme com o nome do local de trabalho, no consumo, tu utilizas determinado tipo de roupa para ter existência social”*. Deleuze (1992) escreve que o capitalismo busca vender serviços e quer comprar ações. Não é um capitalismo de produção, mas de produtos, ou seja, de vendas ou de mercados, por isso é especialmente disperso.

Cabe assinalar que também surgem distintas formas de resistência frente ao controle flexível e dócil dos corpos. Por exemplo, a pirataria ou os vírus informáticos são algumas das formas de subversão na era da tecnologia. A sociedade de controle, ela mesma

utiliza-se do vírus para infiltrar-se e corromper as formas institucionais que a cercam, mas é o próprio vírus que pode servir de arma para causar interferências e distúrbios nas maneiras de dominação que essa axiomática do social cria. Nessa retomada, da disciplina ao controle flexível, Deleuze (1992) percebe um futuro dotado de possibilidades de resistência e transformação: *“O dinheiro faz falta para a gente, mas eu não quero pagar por este preço - ter de trabalhar final de semana, doze horas por dia, sete dias por semana a vida toda”*.

### 3 OS EMPREGADOS DO CONSUMO: QUEM CONSUME QUEM?

Os/As trabalhadores/as são um dos elementos que compõem esta multiplicidade do consumo. Deleuze e Guattari (1988) escrevem que um agenciamento põe em jogo múltiplos fatores e é sempre um coletivo marcado por aspectos materiais, sociais e semióticos. Os/As vendedores/as, uma das peças deste agenciamento, fazem com que o consumo se materialize. Dito de outra forma, não é um simples corpo que está ali pronto para vender e ajudar o/a consumidor/a a provar uma peça de roupa, mas, sim, é um corpo que possibilita o acionamento do dispositivo consumo e emoção: *“Eu vivo do consumo: vendo um sonho para as pessoas e não apenas um produto”*.

O cenário profissional é entendido como um território existencial, em que se partilham afetos. A existência de controvérsias no ambiente laboral permite a aparição de coletivos e pode se constituir como um enriquecimento da democracia, quando são ouvidas e colocadas em diálogo. As controvérsias devem ser vistas como forma de exploração de outros mundos possíveis. Porém, nem sempre é desta forma que são consideradas pela empresa: *“As pessoas abusam de ti, então quando tu dizes um ‘não’, vai soar como algo fora do comum ou absurdo, mas que, na verdade, tu tens todo o direito de discordar e dizer o que pensas”*.

Do lado dos/das trabalhadores/as, escreve Castel (1997), com o início da produção em massa, apareceu explicitamente a preocupação com o bem-estar e pelo desenvolvimento do consumo. Esta preocupação com o consumo responde a uma transformação dos modos de vida populares, gerada pelo retrocesso da economia do lar e tem a ver, sobretudo, com os/as trabalhadores/as das grandes concentrações industriais. De modo que existe uma nova relação entre o aumento do salário, o aumento da produção e o aumento do consumo: *“Muitas vezes você acaba justificando seu trabalho para a compra de um bem material”*. O excesso de carga horária, a abdicação da vida pessoal em prol da vida familiar e social, a pressão por resultados, a competitividade, acabam sendo justificadas pelos projetos de vida relacionados ao consumo. Ao ganhar uma promoção no trabalho, diga-se uma ascensão ou troca de função, geralmente vem associado o aumento de salário e, também, o aumento da responsabilidade e

de atividades. O sujeito fica cada vez mais imerso na rotina laboral, ganha mais dinheiro e, assim, pode consumir sempre mais.

Mesmo que a maioria afirme que não seja consumista, acaba caindo no círculo do consumo, para ser aceito, para sobreviver: *“O consumo está relacionado a tudo. Desde o que você vai comer, o que você vai vestir, o que você vai ouvir, a forma como você se locomove, o que é passado para ti, a informação, tudo está relacionado ao consumo”*. O próprio conceito de sobrevivência muda no cenário do capitalismo imperial.

A palavra consumidor/a é referida, de acordo com Silva (2005, p. 118), porque é vendida a ilusão de que se encontra na posição de “poder comprar qualquer coisa neste megamercado globalizado: de artigos de primeira necessidade (sempre novos e sempre outros) a comportamentos para qualquer ocasião”. Bauman (2001, p.75) acrescenta que “a mais custosa e irritante tarefa que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades [...]. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolhas”.

O capitalismo tende a converter-se em um não-lugar, em realidade, ele está em todos os lugares. A produção, na contemporaneidade, não é mais meramente marcada por fatores econômicos, financeiros, de bens materiais, mas, inclusive, por seu caráter de produção social, como de comunicações, afetos, relações. “Produção no sentido de produção de subjetividade: quem somos, como vemos o mundo, como nos relacionamos” (HARDT; NEGRI, 2004, p. 94). Não importa tanto o produto, mas a marca, o contexto no qual ele está inserido: *“O consumo não está relacionado só com dinheiro, consumo é uma maneira de ver, uma maneira de vida. Tudo que tu consumes, direta ou indiretamente, tu queres dizer alguma coisa, queres passar algo a alguém”*.

### 4 QUAIS MODOS DE SER MULHER E DE SER HOMEM CONSUMIMOS NOS DIAS DE HOJE?

Uma das metas do comércio e da mídia é conseguir se comunicar com todos os tipos de públicos. Profissionalmente, os sujeitos da pesquisa vivem do consumo, no momento em que a mola propulsora de suas atividades é a venda. No trabalho, para cativar e fidelizar os clientes, é necessário despertar um algo mais, despertar emoções: *“Meu trabalho é cativar, despertar coisas que os outros não despertam. Que é a conversa, o ouvir, não só o vender, porque a venda, qualquer um vende”*.

Muitas vezes é vendido status - ao vender uma peça de roupa de marca, ao freqüentar um restaurante da moda - mas, associado a isso, são vendidos, inclusive, sensações de aconchego, de atenção exclusiva: *“Eu ofereço ao cliente o que ele procura, o que ele não procura e o que ele pensar em procurar”*.

Rolnik (1997, p.30) fala da profusão no mercado da

mídia e do consumo de múltiplos gostos e formas: “miragens de personagens globalizados, vencedores e invencíveis, envoltos por uma aura de glamour, que habitam as etéreas ondas sonoras e visuais da mídia; personagens que parecem pairar acima das turbulências da vida e da finitude de suas figuras” (p. 30). Porém, estes mesmos personagens nunca chegam lá, já que lá é apenas uma miragem. E quanto mais se frustram, mais correm atrás para tentar alcançar este ideal.

Não estávamos preocupados em salientar a diferença entre sexo, raça, idade, escolaridade, mas sim explorar a variedade do discurso acerca do assunto em questão. Fischer (2001, p.15), ao falar do cruzamento de identidades e diferenças, ressalta que “considerar a interdiscursividade significa deixar que aflorem as contradições, as diferenças, inclusive os apagamentos, os esquecimentos; enfim, significa deixar aflorar a heterogeneidade que subjaz todo o discurso”. Entretanto, podemos assinalar que as mulheres, ao referirem que trabalham para consumir algo maior, salientam que a preocupação está em adquirir moradia ou objetos para casa, numa preocupação com projetos: “*Eu gosto de ser mulher e mulher que não é compulsiva, um pouquinho que seja, é mentira. Às vezes uma roupinha melhora o astral e eu adoro comprar coisas para a casa*”. Já, os homens, quando planejam consumir, o fazem pensando em adquirir carros, eletrônicos, preocupando-se em projetos em curto prazo e de usos individuais.

Outra questão importante que apareceu foram os estereótipos masculinos e femininos, citados pelas próprias mulheres: “*Sou mulher e gosto de consumir. É da natureza*”. Porém, a questão do prazer de consumir extrapola a questão de gênero e avança para os territórios masculinos, inclusive: “*Acredito que qualidade de vida e consumo estão relacionados. Tenho todos os cálculos mensais de gastos na cabeça e sei quanto é possível consumir com relação ao meu salário. O consumo excessivo já me prejudicou muitas vezes*”.

Ambos salientam que consomem objetos de uso pessoal, como roupas e perfumes, bem como investimentos em viagens. O consumo da aparência, da beleza, da estética, da saúde, não se limita às mulheres, pois os homens também estão preocupados com a imagem: “*Sou homem e tenho um cuidado muito grande com a estética, da parte vaidosa do homem, de cortar a unha, passar perfume, alimentação, esportes*”.

Em termos de identificar a representação da mulher, como cita Sabat (2001), mesmo que ainda esteja bastante ligada às representações mais tradicionais, como a maternidade ou coisas para o lar, por exemplo, a mulher ainda consegue dispor de um número maior de significados do que a representação do homem. Pelas imagens publicitárias, podemos observar como as relações de gêneros estão sendo

vistas por determinada sociedade, quais os significados mais ligados às mulheres e aos homens que desejamos socialmente. Mesmo assim, estas próprias imagens também subvertem alguns padrões ditos femininos e masculinos, não como forma de reflexão social e atenção às diferenças, mas sim para colocar o produto à venda e diversificar o universo de consumo. Como declara Galeano (2007, p.1), “a cultura do consumo, cultura do efêmero, condena tudo à descartabilidade midiática. Tudo muda no ritmo vertiginoso da moda, colocada à serviço da necessidade de vender”.

Nesse processo do consumo, o que há são movimentos circulares dos modos de subjetivação que se consomem. Circuitos do consumo, em que diferentes figuras se desmancham e se transformam a todo instante, não retendo e solidificando nada, contentando-se com palavras e imagens em forma no mercado da mídia, que também não são recordadas posteriormente. Assim, como cita Rolnik (1997, p.29), a experiência da desestabilização, reiteradamente repetida ao longo de toda nossa existência, é efeito de um processo que nunca pára e que faz da subjetividade “um sempre outro”, “um si e não si ao mesmo tempo”.

## 5 PROPOSTA: CRIAÇÃO DE OUTROS MODOS DE EXISTÊNCIA

*Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas* (DELEUZE, 1992, p.220).

Acreditar no mundo é o que nos falta. Acreditar significa suscitar acontecimentos, mesmo que estes sejam pequenos, pertencentes à microvirtualidades (SILVA, 2005). O mundo é puro acontecimento, repleto de diferenças, multiplicidade, criação. Escapar do vazio e do efêmero que a sociedade do consumo nos impõe é um grande desafio. Se pensarmos na vida como a própria duração e a própria potência do devir, podemos pensar, inclusive, que qualquer ação torna-se válida, a partir do momento em que as saídas sejam múltiplas.

Duvidar de como olhamos o mundo e das verdades cotidianas é o que nos falta, inclusive. A verdade apresenta-se como um regime político. Pequenas práticas do cotidiano fazem com que sejam produzidas determinadas ordenações sociais e matizes de gênero. Uma das principais lutas de nossa época é lutar contra a normalização e o assujeitamento da subjetividade. E a “possibilidade de transformação está, portanto, no estranhamento e na desnaturalização das verdades que nos constituem” (NARDI; SILVA, 2005, p.104).

A desconstrução dos imaginários modelizados sob a dominação, por exemplo, o significado da mulher, na família e na sociedade, sob os códigos machistas; os padrões de beleza, sob os códigos racistas; os ideais de felicidade, sob os códigos capitalistas, é necessária para que a ruptura com as realidades virtuais se opere na cotidianidade das pessoas.

Deixar de tomar o social como uma *evidência* e passar a constituí-lo como um *problema*, isto é, deixar de tomá-lo como um fato intrínseco ao próprio modo de existência da vida humana e passar a constituí-lo como uma multiplicidade necessariamente construída a partir de uma relação de forças num campo historicamente dado (SILVA, 2005, p. 13).

Assim, podemos dizer que o lugar do social carrega em si uma problemática indissociável relativa à sociedade capitalista, às reorganizações no mundo do trabalho e aos modos de existência pela via do consumo. Os encontros produzidos e os movimentos traçados desses sujeitos, em um cenário de consumo, além da troca de afetos e um território aberto a conexões e devires, fazem pensar que os modos de trabalhar no comércio tornam-se um potente dispositivo de subjetivação.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CASTEL, R. *Las metamorfosis de la cuestión social*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- DELEUZE, G. *Foucault*. Barcelona: Paidós, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pre-Textos, 1988.
- DOMÈNECH, M.; TIRADO, F. J. (2006). Extituciones: del poder y sus anatomías. *Política y Sociedad*. Madrid, 36, p. 191-204, 2006. Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/cps/11308001/articulos/POS00101130191A.PDF>>. Acesso em 3 jan. 07.
- FISCHER, R.M.B. (2001). Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, (114), p. 197-223, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000300009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 3 jan.2007.
- FOUCAULT, M. *Vigilar y castigar: nacimiento de la prisión*. Buenos Aires : Siglo XXI Editores Argentina, 2002.
- GALEANO, E. (2007). *O Império do Consumo*. Agência Carta Maior, p. 1 - 8. Disponível em: <[http://cartamaior.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog\\_id=1&post\\_id=90](http://cartamaior.uol.com.br/templates/postMostrar.cfm?blog_id=1&post_id=90)>. Acesso em: 13 fev. 07.
- HARDT, M.; NEGRI, A. *Multitud: guerra y democracia en la era del Imperio*. Barcelona: Debate, 2004.
- MAIA, C. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.77-108.
- NARDI, H. C.; SILVA, R. N. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: GUARESCHI, N. M. F.; HÜNING, S. M. (Org.). *Foucault e a Psicologia*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005. p.93-105.
- NOVAES, A. (Org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D.S. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papyrus, 1997. p.25-34.
- SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 9 - 21, 2001.
- SILVA, R. N. *Cartografias do Social: estratégias de produção do conhecimento*. Porto Alegre: UFRGS, Tese de Doutorado, FAGED, 2001.
- \_\_\_\_\_. *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TIRADO, F. J.; MORA, M. *Cyborgs y extituciones: nuevas formas para lo social*. Mexico: Universidad de Guadalajara, 2004.